

# **O TRABALHO DE GRUPOS NA ESCOLA COM RECURSOS ESTÉTICOS E LÚDICOS: O PAPEL DO SOCIODRAMA**

## **RESUMO**

Este artigo discute ferramentas do psicólogo com grupos estudantis, partindo de temáticas sobre fragilidades/conflitos identificadas em uma escola da periferia de Fortaleza/Ce. Os participantes (15-17 anos) tiveram 6 encontros semanais, com recursos estéticos/lúdicos (música, vídeo, literatura de cordel, argila, etc.) que sensibilizassem e promovessem segurança ao diálogo, ao protagonismo e à relação. Houve exposição confiante por parte dos estudantes, evidenciando o papel do sociodrama no processo, maximizando resultados, conforme avaliação do próprio grupo, que fortaleceu o senso de apoio e reciprocidade. A discussão tomou como referência a teoria do Psicodrama (J. L. Moreno) para avaliar o uso das ferramentas na facilitação de grupos no contexto de promoção de saúde na escola.

**Palavras-chave:** Recursos Estéticos e Lúdicos; Grupos de estudante; Saúde do Adolescente; Sociodrama.

## **INTRODUÇÃO**

Trabalhar temáticas sobre as fragilidades humanas na escola vem sendo uma demanda identificada por professores e coordenadores, percebendo as influências sobre o rendimento escolar e as dificuldades diversas nas relações interpessoais. A escola, por receber uma diversidade de alunos em contextos diferentes e realidades distintas, é um cenário em que emerge uma multiplicidade de demandas nessas áreas (DA SILVA, L. G. M. & FERREIRA, T. J., 2014).

Quando se trata do trabalho com adolescentes, é preciso lembrar que estes trazem vivências e emoções em estado de ebulição referentes às suas experiências passadas, incluindo conflitos emocionais que acabam fazendo parte de seu desenvolvimento; parte

desse amadurecimento se dá como possibilidade de superação (CAMPOS, 2012), do que decorre a importância da atenção à saúde estudantil.

Dentre as demandas identificadas neste cenário, encontra-se a temática da ansiedade. Segundo Teles (2018, p. 15), “o transtorno ocorre quando o sistema desregula, gerando respostas físicas e emocionais desproporcionais em relação ao risco”. Nesse mesmo contexto, a temática do abuso sexual precisa ser considerada além do ato físico; o próprio camuflar de gestos e atitudes, aparentemente agradáveis, pode significar uma violação à criança ou ao adolescente (MARRA, 2016). Outros temas abordados neste trabalho foram a rede de apoio e os fatores de proteção ao suicídio, diante do grande aumento de casos na faixa etária de 15 a 19 anos, representando a principal causa de morte entre meninas, e a terceira entre meninos no mundo (CICOGNA, J. I. R., HILLESHEIM, D. & HALLAL, A. L. D. L. C., 2019).

A presente intervenção objetivou a utilização de recursos estéticos (vídeos, músicas, imagens) como parte fundamental da aplicabilidade de temáticas que foram identificadas, enquanto ferramentas no trabalho de grupo, a fim de promover a vivência e a apropriação de conceitos e de formas de enfrentamento para os estudantes.

Dentre as teorias de grupo, ressalta-se a teoria socionômica, desenvolvida por J. L. Moreno, conhecida como Psicodrama, que concebe o homem como um indivíduo essencialmente social, pois nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, desenvolvendo sua aptidão à convivência e a reciprocidade com os demais. Todas as teorias morenianas partem dessa idéia do homem em relação, e portanto, a inter-relação constitui seu eixo fundamental. Para investigá-la, Moreno criou a Socionomia, cujo nome vem do latim (socius = companheiro, grupo) e do grego (nomos = regra, lei), ocupando-se, portanto, do estudo das leis que regem o comportamento social e grupal (GONÇALVES; WOLFF; DE ALMEIDA, 1988).

Neste sentido, os alunos participantes do grupo foram escolhidos por critério de interesse e alguns, particularmente, por apresentarem dificuldades de sociabilização e interação, identificados pela própria coordenação. Tendo em vista o caráter da escola como formadora de cidadãos agentes de transformação social, como ficou claro a partir da leitura do regimento escolar e de entrevistas com os coordenadores, as intervenções seguiram essa proposta contribuindo com uma formação ético-política dos alunos, visando à promoção da autonomia e do engajamento no contexto social, identificando as condições facilitadoras do processo de aprendizagem.

## CONTEXTUALIZAÇÃO, OBJETIVOS E METODOLOGIA

A partir dos diálogos e observações presenciais com vários de seus componentes e pelas informações do Projeto Político-Pedagógico (PPP), foi mapeado um cenário em que a relação estudante-escola-comunidade pudesse ser evidenciada. A escola onde se deu a intervenção seguia valores fundamentais como ***Democracia***, ***Participação*** e ***Qualidade*** do ensino, tendo se destacado como forte elemento de identidade e referência de valor histórico-cultural na vida dos cidadãos e cidadãs da comunidade local, colocando-se ao seu serviço, através de atividades de cunho social e democrático, ao mesmo tempo em que propunha um currículo escolar a partir da realidade concreta do aluno, integrando o desenvolvimento de conhecimentos com atitudes, valores e habilidades favorecedoras da construção de uma consciência histórico-crítica, marcada fundamentalmente por uma visão holística de pessoa e de mundo.

O mapeamento da relação estudante-escola-comunidade potencializou a utilização conceitual e técnica da Socionomia, pois evidenciou elementos concretos do protagonismo potencial do aluno, no cenário de sua comunidade local e no contexto cotidiano de seus papéis acadêmicos.

Assim, foram emergindo, das discussões do Projeto Político Pedagógico, propostas de ações de promoção de um clima escolar que priorizasse, em seu cotidiano, a tolerância, a cidadania, além da expectativa de aprendizagem por parte dos alunos, considerando-se as diferenças individuais e as demandas específicas de tratamentos pedagógicos, bem planejados e acompanhados.

Dentro desse cenário, emergiu o próprio objetivo geral da proposta, a saber, fomentar um ambiente de prevenção e promoção da saúde mental, através de recursos estéticos, criativos e espontâneos que sensibilizassem os alunos nessas questões. Especificamente, buscou-se promover grupos com dinâmicas diversas para os alunos; proporcionar um ambiente seguro ao protagonismo e à interrelação a partir das demandas apresentadas por professores e estudantes; propor atividades que tratassem de temas específicos relacionados à saúde mental (ansiedade, abuso sexual, rede de apoio e suicídio); discutir teoricamente sobre as práticas aplicadas, evidenciando a importância de cada recurso e de cada atividade implementada.

O grupo foi realizado em seis encontros, na sala de vídeo da escola, com frequência de uma vez por semana, durante três horas e meia (tempo equivalente a duas aulas, mais o período de intervalo, disponibilizado pela coordenação da escola para a realização das atividades). Após a divulgação para participação, realizada por uma das coordenadoras, o grupo foi formado com doze adolescentes entre 15 e 17 anos (do primeiro ao terceiro ano do ensino médio), sendo, em sua maioria, do sexo masculino, tendo, a presença média de nove estudantes nos encontros semanais.

Para cada encontro houve uma preparação prévia com relação à temática a ser trabalhada, bem como dos papéis específicos dos facilitadores do grupo. A Socionomia (GONÇALVES; WOLFF & DE ALMEIDA, 1988) indica o papel de diretor como aquele que promove o aquecimento e a sensibilidade do grupo durante toda a sua produção criativa,

conforme o tema proposto, e o papel de ego-auxiliar como o de apoio e suporte para perceber o grupo e ao mesmo tempo colaborar nas conduções do diretor.

Foram utilizados recursos estéticos sensíveis e lúdicos, além de técnicas dinamizadoras de intervenções específicas (músicas, desenhos, argila, vídeo, lápis de cor, papel, imagens impressas, roupas, uniformes), tudo isso em uma troca dialogal (DE FIGUEIRÊDO; DE QUEIROZ, 2012), com o intuito de sensibilizar e trabalhar as temáticas de forma elucidativa, problematizadora e interrelacional. A produção criativa do grupo evidenciou-se na construção de ideias em um processo complementar intenso, compartilhadas em um ambiente seguro de problematização, através de reflexões e discussões em torno das temáticas previamente selecionadas sobre saúde mental e contextualizadas aos objetivos do PPP da Escola.

Porém, podemos indagar se a produção criativa do grupo a partir de recursos estéticos e lúdicos, na referida intervenção, pode ser considerada uma cocriação, como preconiza Moreno, ou a criatividade teria sido apenas um ganho individual?

Segundo MÜHLENBERG (1999), o psicodrama é “um instrumento de ação e um método educacional que enfatiza o trabalho em grupo através da ação (p. 100). Nesse sentido, em que dimensão, a teoria da ação (DRUMOND E SOUZA, 2008), proposta por Moreno, poderia ser aplicada ao contexto de um intercâmbio verbal, tal como foi pensado inicialmente para a intervenção nesse grupo de estudantes? Sabemos que o método psicossociodramático envolve necessariamente ação, isso, mesmo em um contexto dialogal, pois o diálogo pode por em movimento uma ação interna transformadora, na complementaridade entre os interactuantes/interlocutores. O presente trabalho pretende avaliar a presença desses elementos sociodramáticos em pauta, na experiência de intervenção com o referido grupo, discutindo a importância de se compreender a interação verbal pela teoria da ação, de Moreno.

## **DESENVOLVIMENTO**

Após as devidas explicações sobre a proposta de intervenção e de suas possibilidades aos coordenadores, e de uma primeira visita de reconhecimento à escola, foi realizado um mapeamento em busca de se conhecer sua realidade local, seus contextos, temáticas e demandas observadas pela própria direção, estabelecendo-se um acordo sobre o funcionamento do grupo.

O grupo objetivou promover um ambiente de discussão de temáticas trazidas pelos participantes, indicadoras de demandas percebidas pelos mesmos, tendo sido apresentadas seis propostas a serem desenvolvidas durante seis semanas: 1. Conhecendo o grupo na trilha das sensações; 2. Conversa criativa sobre abuso sexual; 3. Rede de apoio em cena; 4. Exposição: o que mais importa? 5. Criando com a ansiedade; 6. Teatro espontâneo (encerramento).

Foram selecionados recursos lúdicos e criativos, na intenção de que os participantes pudessem vivenciar as temáticas, tendo cada encontro seguido a estrutura de um sociodrama, ou seja, o grupo vivenciou de forma prática, através de recursos lúdicos/criativos sua conexão com cada tema, utilizando-se técnicas específicas do psicodrama, como aquecimentos inespecífico e específico (que auxilia o grupo a entrar em contato consigo mesmo e com a temática), e o solilóquio (em que se revela, de forma audível, o que está sendo pensado) (BUSTOS, 1999).

### ***Palco das sensações***

É bastante conhecida a dinâmica em que cada participante protagoniza sua caminhada com os olhos vendados, sendo guiado por uma outra pessoa. Foi acrescentado ainda que, ao terminar a trilha e sair da sala, o participante fosse convidado a expressar, artisticamente (através de texto, desenho, poesia, letra de música, etc.), como se sentiu durante a trilha. Além disso, quando todos realizaram a atividade, foram convidados a retornarem à sala,

organizando-se em um círculo o compartilhamento da experiência vivenciada. Após o compartilhamento, foram apresentados a vários objetos, com a consigna de que deveriam escolher um que representasse sua sensação ao finalizarem a vivência.

Além da presença de elementos e recursos estéticos sensíveis, proporcionando, a experiência subjetiva de contato consigo mesmo através dos sentidos, a novidade aqui foi a auto-apresentação a partir de um objeto e o solilóquio dos participantes enquanto se expressavam, promovendo-se um maior percepção de si e do outro, em uma dinâmica de auto conhecimento, auto-ajuda e ajuda ao outro, maximizada pelo compartilhamento com elementos concretos. A combinação desses recursos ao modelo socionômico permitiu estimular o grupo à reciprocidade (ajuda recíproca), ao compartilhamento da mesma experiência, evidenciando-se as diferenças individuais no modo de vivenciá-la, e provendo maior complementaridade entre os participantes.

### ***Conversa criativa sobre abuso sexual***

O cenário do abuso sexual é bem amplo e devastador emocionalmente, como aponta Marra (2016):

O abuso sexual abarca tanto o contato físico, como a manipulação de genitais e intercurso sexual, quanto situações de exibicionismo e voyeurismo, em que não há contato físico direto. (...) As vítimas são seduzidas e envolvidas em ações que lhes parecem agradáveis, aceitando o afeto recebido pelo agressor. (...) As atitudes variam de um simples carinho e estranhas expressões de afeto a exibição de filmes pornográficos e intercurso sexual completo, independentemente da idade da criança (p. 25).

A conversa sobre o abuso sexual foi proposta para o grupo de estudantes a partir de uma dinâmica de narrativas, em que os participantes receberam pedaços de papel em que estavam impressos trechos das histórias de duas crianças/adolescentes que haviam sofrido abuso sexual, as quais precisavam ser completadas (pois os recortes de papel estavam misturados) para que a história apresentasse um sentido evidente. Após a leitura, os participantes nomearam emoções ou sentimentos a partir das histórias narradas, sendo percebidas diferentes reações dos estudantes quando se evidenciava o tema por trás das histórias, o que abriu portas para uma conversa sobre abuso sexual.

O potencial dessa dinâmica está em que a narrativa de histórias pode promover o pensamento e a fala em relação ao assunto em pauta, aplicado-o ao narrador, conforme comenta Marra (2016): “As competências relacionais exercitadas em uma conversação permitem à pessoa utilizar seus recursos internos, isto é, sua capacidade de refletir sobre o vivido, no intento de dissolver os nós relacionais presentes na interação. Cria-se um contexto para o reconhecimento e a legitimação das experiências daqueles que vivem com os problemas.” (p. 63).

Na sequência da atividade grupal, foi realizada uma oficina sobre a criação de um cordel, como forma de aquecimento para o momento seguinte, em que os participantes foram orientados a criarem um cartão/carta com as palavras que emergissem em suas mentes, enquanto construía as histórias, em forma de cordel ou outra que desejasse (desenho, poesia, ou simplesmente frases). Após a criação, compartilhou-se sobre o que havia sido escrito/desenhado/produzido, sendo expostos alguns conceitos sobre o abuso sexual, seguido de mais um compartilhamento sobre como se sentiam ao final da atividade.

Aqui, percebe-se que o psicodrama trouxe contribuições como: a ênfase de uma das narrativas como história de um protagonista específico com o qual os participantes



interagiram ao complementarem a sua história, além do uso do solilóquio e do aquecimento protagônico a partir da consigna “seja o seu cordel”.

### ***Rede de apoio em cena***

Na terceira atividade grupal, após a chegada dos participantes, foi apresentada a consigna de que todos comessem a se movimentar pela sala, enquanto ouviam uma música. Em minutos, os participantes eram convidados a pararem e permanecerem estáticos neste movimento, de costas para o grupo, ou de olhos fechados, sem que um olhasse para o outro. Nesse momento, o diretor solicitou ao grupo palavras que significassem Rede de Apoio, enquanto o ego auxiliar as escrevia na lousa. Depois, os participantes voltaram a caminhar pela sala, enquanto a música era tocada. Diante de uma nova parada da música, o diretor solicitou que se dispusessem em círculo, emergindo como sugestão a escolha de uma figura formada a partir da palavra falada. Cada participante realizava movimentos que representavam a palavra escolhida, enquanto formavam uma só figura.

Convidados novamente a caminharem pela sala, posicionando-se, os participantes ao final, postaram-se em fila, seguindo-se exercícios de relaxamento corporal (alongamento e massagem recíproca), sendo lembrados da importância de se pedir licença para o toque, respeitando-se o tempo e o espaço do outro. Ao fim do exercício, foi realizado um compartilhamento sobre os sentimentos em relação ao toque, a ajuda e/ou o relaxamento vivenciado.

Esta atividade foi realizada diretamente a partir da metodologia do Psicodrama. Mühlenberg (1999) especifica o contexto do psicodrama pedagógico, em que se tem a oportunidade de conhecer o que o grupo sabe sobre determinado assunto, dispondo de um ambiente seguro para vivenciar a temática na ação/interação, de forma lúdica, tal como afirma Saeki (2002 *apud* MÜHLENBERG, 1999):

O psicodrama pedagógico que envolve aprendizagem diferente da tradicional enfatiza o trabalho em grupo através da ação, resgata o sentido lúdico e pedagógico da comunicação, facilitando a expressão e o entendimento das ideias. Desse modo, propicia a exteriorização de problemas e dificuldades imaginadas, permitindo sua exploração e entendimento vivencial (p. 90).

### ***Exposição: o que realmente importa?***

A vivência consistiu em que, as pessoas caminhavam em uma sala aromatizada, com música de fundo e diversas gravuras penduradas e/ou coladas no teto e nas paredes, as quais expressavam modos de se viver ou lembranças agradáveis, enquanto liam uma pergunta escrita no quadro: “O que pode ser feito em 40 segundos?”. A idéia de se trabalhar com a referência de 40 segundos veio da pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS), a qual informa que, a cada 40 segundos, alguém tira a sua própria vida. De fato, o número de suicídios no mundo cresceu 60%, nos últimos anos (MARCOLAN, 2018), sendo as tentativas de suicídio de quatro a quarenta vezes mais numerosas, em diferentes regiões.

Em seguida, os participantes escreveram em post-it e colocaram nas imagens penduras sugestões sobre o que poderia ser dito ou realizado em 40 segundos, que promovesse vida em si próprios ou em outros. Por fim, transmitiu-se um vídeo problematizando ações de promoção da vida em 40 segundos, com reflexões sobre o suicídio, seguindo-se um momento de compartilhamento.

Os elementos psicossociodramáticos se evidenciaram, desde quando caminharam pela sala tendo nas imagens, luzes e cheiros elementos de aquecimento. Além disso, o solilóquio

durante a colocação das post-its foi promovendo um reconhecimento Eu-Tu, ao ponto de identificarem pessoas não evidentes no grupo e apresentarem espontaneamente algumas histórias de intercâmbios relacionais iniciados entre eles. Após esse dia, ficou mais evidente um sentimento de pertença ao grupo. Considera-se que houve uma maior expansividade afetiva do grupo demonstrado também na inclusão espontânea do diretor e ego auxiliares por parte dos estudantes, ao quererem saber também como estavam os referidos facilitadores.

### ***Criando com ansiedade***

Segundo Leandro (2018, p. 13), “Quando falamos de ansiedade, estamos pensando em um conjunto de emoções e reações corporais que antecedem o novo, o desafio ou uma experiência de alguma forma arriscada ou estressante”. Desta forma, a argila foi pensada como recurso para se compartilhar sobre a temática da ansiedade, em três momentos. No primeiro momento, os participantes produziram espontaneamente suas criações e apresentaram-nas ao grupo. Depois, criaram algo que representasse a ansiedade, respondendo a consigna “se a ansiedade tivesse um formato, na argila, como seria?”. E por fim, produziram algo de que gostavam, que os motivasse, fizesse sentido como algo bom. Seguiu-se um compartilhar sobre como foi a experiência, respondendo à pergunta sobre como estavam saindo do grupo.

Percebe-se claramente o investimento da relação entre criador e criação, quando se utilizou o manuseio da argila, a criação concreta, e a abertura, pelo solilóquio, de conteúdos psicodramáticos internos que, ao serem partilhados, promoveu a abertura para um encontro solidário em relação às vivências narradas.

### ***Teatro espontâneo e encerramento***

Na última atividade, ao chegar à sala, os participantes visualizaram várias roupas e uniformes, dispostos como em um camarim de teatro, sendo convidados a observarem as

peças e usá-las da forma como lhes fosse agradável. Baseados nas vestimentas e nos personagens caracterizados, foram formando grupos e, espontaneamente, representando papéis, complementados uns pelos outros, em um teatro espontâneo.

Moysés Aguiar (1998, p. 33) afirma que o Teatro Espontâneo “é uma modalidade de teatro interativo, cuja característica básica é a improvisação”, em que os participantes criam histórias de seus personagens, trabalhando a criatividade e a interação com o grupo. Aguiar (1998, p. 39) relata ainda que “Se considerarmos o teatro espontâneo como uma manifestação artística, podemos tranquilamente dizer que ele tem uma finalidade em si, da mesma forma que a finalidade da arte é a própria arte”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em cada encontro, foi proporcionado aos facilitadores (diretor e ego auxiliar) uma melhor compreensão da proposta grupal de Moreno, fosse pela importância da espontaneidade e da criatividade, fosse pela complementaridade de papéis que se evidenciou constantemente nas relações em jogo.

Após o último momento, de teatro espontâneo, houve a oportunidade de abrir para que o grupo compartilhasse como avaliavam as semanas do trabalho grupal realizado, identificando como se sentiam ao final do processo. Foi uma oportunidade de ouvir o quanto o grupo tinha servido de aproximação das relações entre eles próprios, gerando mais segurança para falar e se expressar, e com um maior senso de aceitação, reconhecendo os laços construídos como uma rede de apoio evidente.

As Sociodinâmicas (Psicodrama, Sociodrama) propostas por Moreno, imprimiram à experiência de estágio na escola um caráter de clareza, objetividade e profundidade, permitindo um diálogo contínuo sobre o contexto escolar e questões referentes às fragilidades humanas, proporcionando o desenvolvimento interlacional do grupo, ressaltando, de forma

lúdica e criativa, elementos subjetivos em um contexto intersubjetivo. A teoria e a prática da Socionomia tornaram-se evidentes na promoção de saúde e na construção de um ambiente seguro de diálogo, percebendo-se o respeito creditado um ao outro, assim como a possibilidade de falar sobre temáticas que ainda se encontram sob tabu.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Moysés (1988). *Teatro espontâneo e psicodrama*. Editora Agora.
- BUSTOS, D. M. *Novas cenas para o psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1999.
- CAMPOS, D. M. de S. (2012). *Psicologia da adolescência*. 24<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Vozes.
- CICOGNA, J. I. R., HILLESHEIM, D. & HALLAL, A. L. D. L. C. (2019). Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 68 (1), 1-7.
- DA SILVA, L. G. M. & FERREIRA, T. J. (2014). O papel da escola e suas demandas sociais. *Projeção e Docência*, 5 (2), 06-23.
- DRUMOND, J. & SOUZA, A. (2008). *Sociodrama nas Organizações*. São Paulo: Ágora.
- FIGUEIRÊDO, A. A. F.; QUEIROZ, T. N. (2012). A utilização das rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 10, Anais Eletrônicos. Florianópolis, p. 1-10.
- GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R. & DE ALMEIDA, W. C. (1988). *Lições de psicodrama: Introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. Editora Ágora.
- MARCOLAN, J. F. (2018). Pela política pública de atenção ao comportamento suicida. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71.
- MARRA, M. M. (2016). *Conversas criativas e abuso sexual: Uma proposta para o atendimento psicossocial*. Editora Ágora.

MÜHLENBERG, L. M. (1999). Mobilização social e psicodrama no trabalho comunitário. *Linhas Críticas*, 4.7-8: 99-102.

OMS, Organização Mundial de Saúde. *Um suicídio ocorre a cada 40 segundos*. Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/>>.

PPP – Projeto Político Pedagógico (2017). Colégio Poeta Otacílio Colares – EEFM.

SAEKI, T., CORRÊA, A. K., SOUZA, M. C. B. D. M., & ZANETTI, M. L. (2002). O psicodrama pedagógico: estratégia para a humanização das relações de trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 55(1), 89-91.

TELES, L. (2018). O cérebro ansioso: aprenda a reconhecer, prevenir e tratar o maior transtorno moderno. São Paulo: Alaúde Editorial.